

ALFREDO PEREIRA JR. ENTRE DAMÁSIO E PRINZ: REVISITANDO O MONISMO DE TRIPLO ASPECTO

*Nythamar de Oliveira*¹

Segundo Alfredo Pereira Jr., o conceito damasiano de “sentimento” é criticamente reapropriado pelo Monismo de Triplo Aspecto de forma a distinguir o que seria “uma experiência vivida” de uma mera “representação mental” e reformular “o sentir como o aspecto fundamental da mente consciente”, para além de “seu componente cognitivo”, deslocando a ênfase “para o componente afetivo” (p. 20²) De acordo com o Autor, trata-se de evitar o descompasso entre o evento “transportado para nosso cérebro por meio de sinais informacionais” e “nosso cérebro (juntamente com a totalidade de nosso corpo, em interação com o ambiente físico e social)”, quando “interpreta o significado da informação e reage ao conteúdo da mesma com um sentimento” (p. 8). Assim, a chamada consciência fenomenal emergiria no nível dos sentimentos, evitando a redução de processos cognitivos a processos conscientes.

Segundo Pereira Jr., o Monismo de Triplo Aspecto é uma “posição filosófica que procura construir um cenário ontológico compatível com uma abordagem científica interdisciplinar”, de acordo com a qual “a Natureza (ou totalidade do real) se constitui de três aspectos potenciais: a matéria/energia, a forma/informação e o sentimento/consciência” (p. 1). Gostaria de ater-me apenas ao fenômeno natural do sentimento em sua configuração evolutiva e relevância para a pesquisa neurocientífica, na medida em que tem sido tematizado por autores contemporâneos como Damásio e Prinz.

O neurocientista português António Damásio contribuiu de maneira decisiva para as pesquisas interdisciplinares em ciências cognitivas, neurofilosofia, neurobiologia da mente e do comportamento, sobretudo nas áreas da emoção, tomada de decisão, memória, comunicação, criatividade e consciência. Com efeito, a publicação do livro mais conhecido de Damásio, *O Erro de Descartes*, em 1994, iniciou uma verdadeira guinada neurocientífica não apenas em neurologia, psiquiatria e psicologia cognitiva, mas também

¹ Pesquisador do CNPq e Professor de Ética e Filosofia Política na PUCRS, onde coordena um Grupo de Pesquisa em Neurofilosofia no Instituto do Cérebro (InsCer), juntamente com o Prof. Dr. Jaderson da Costa.

² As referências indicadas apenas com número refere-se ao artigo de Alfredo Pereira Jr. foco do comentário.

em filosofia da mente e da linguagem, linguística, ciência da computação e antropologia, ao empreender uma crítica radical ao dualismo cartesiano, em suas dicotomias contrapondo alma e corpo, mente e cérebro, razão e emoção. Desde os anos 1950 e 60, pesquisas em neurociências já evidenciavam problemas incontornáveis em modelos variantes do dualismo substancialista (isto é, de uma substância pensante, racional, em oposição a uma substância corpórea, material, animada pela alma) e vários outros surgiram nas décadas seguintes, com propostas alternativas, mas que apenas reformulavam o dualismo ou reduziam os processos mentais a padrões de comportamento condicionado (behaviorismo), a uma teoria da identidade (entre mente e cérebro), aos estados físicos do cérebro (fiscalismo) ou aos papéis causais e funcionais numa economia complexa de estados internos, mediando entradas (*inputs*) de dados sensoriais e saídas (*outputs*) comportamentais (fucionalismo), assim como os reducionismos materialistas que propunham eliminar as explicações que aludem aos estados psicológicos (materialismo eliminacionista).

A obra de Damásio suscitou uma profícua interlocução da neurociência com a filosofia da mente, sobretudo com a neurofilosofia, após a publicação da obra seminal de Patricia Churchland em 1986, *Neurophilosophy*, definida como o estudo filosófico das neurociências, correlato ao estudo neurocientífico da filosofia da mente e da linguagem. Assim, desde uma perspectiva neurofilosófica, as neurociências e ciências cognitivas se prestam ao estudo interdisciplinar dos processos mentais, ou, em termos neurocientíficos, dos processos cerebrais e redes neurais nas complexas dimensões interativas do cérebro e da mente com o meio físico, social e cultural. Os problemas metafísicos do dualismo e do *self* (“eu”) são destarte explorados e revisitados à luz das ciências cognitivas e neurociências, delimitando o estado da arte relativo ao problema da normatividade como uma de suas principais linhas de pesquisa, contrapondo modelos naturalistas e culturalistas, na medida em que lidam com questões de neurociência, biologia evolucionista, evolução social e progresso moral.

Pela sua original e audaciosa articulação entre neurobiologia e evolução social, Damásio contribuiu também para a consolidação da neuroética, em seus dois campos principais: (1) enquanto reflexão bioética e ético-normativa sobre as novas técnicas e inovações tecnológicas produzidas pela neurociência e (2) numa abordagem moral de

problemas da chamada filosofia da mente, psicologia moral e, mais recentemente, da psicologia social e da epistemologia social. Com efeito, as pesquisas multidisciplinares e transdisciplinares da neurociência e da neurofilosofia nessas décadas acabariam por favorecer a convergência em sua dimensão social e pluralista, para além dos reducionismos naturalistas e fisicalistas das primeiras décadas, com a investigação interdisciplinar de processos decisórios à luz da correlação neurocognitiva entre razão, emoção e consciência. De acordo com Damásio (2005, p. 282):

[...] a compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo [...] não só a mente tem de passar de um *cogitum* não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social.

De resto, Damásio assume que as bases filosóficas e cognitivas das decisões morais estão no centro das discussões sobre a natureza humana, na medida em que a moralidade evoluiu como um dos elementos que diferenciam os seres humanos dos outros animais, como tem sido argumentado por autores com propostas tão diferenciadas quanto Aristóteles, Hume e Kant. As decisões morais têm, afinal, um papel central na definição do ser humano; ela está no cerne de tomadas de decisão que nos definem em relação a questões culturais, questões de relacionamento pessoal e de escolhas políticas e cotidianas que, por fim, ajudam a definir o *self* em relação aos outros e dentro de um *milieu* específico. Assim como estabelece a correlação entre razão prática e emoção, Damásio associa a consciência à noção de tomada de decisão, bem como ao planejamento em diferentes escalas de tempo, criação de possibilidades de interação com o meio e seleção de cursos de ação – sendo todas as etapas do processo interligadas. Damásio logra, assim, articular processos sociais, intersubjetivos, e processos neurobiológicos, que explicam a evolução do cérebro humano e a emergência da consciência, do “eu”, da memória, da linguagem, da subjetividade e suas representações e construções criativas e portadoras de significado: “Se a consciência não se desenvolvesse no decorrer da evolução e não se expandisse em sua versão humana, a humanidade que hoje conhecemos, com todas as suas fragilidades e forças, nunca teria se desenvolvido também” (DAMÁSIO, 2011, p. 17). Trata-se de evitar, por um lado, as idealizações *a priori* do dualismo cartesiano que persistem em modelos

tradicionais da teoria da escolha racional (*rational choice*), e por outro lado, o relativismo, o niilismo e o decisionismo morais de posturas culturalistas que rechaçam qualquer possibilidade de embasamento racional ou normativo em processos decisórios. Segundo Damásio, a observância de convenções sociais e regras éticas previamente adquiridas poderia ser perdida como resultado de uma lesão cerebral, mesmo quando nem o intelecto de base nem a linguagem mostravam estar comprometidos, como era o caso de Phineas Gage, em quem apenas o comportamento social parecia ter sido afetado (DAMÁSIO, 1994, p. 31). Ainda de acordo com os experimentos de Damásio, a escolha de uma decisão qualquer ou de um curso de ação referente a um problema pessoal em que o sujeito está devidamente inserido em seu meio social (complexo, mutável e incerto), requer dois elementos: 1) amplo conhecimento de generalidades e 2) estratégias de raciocínio que operem sobre este conhecimento. Assim, não podemos reduzir os processos decisórios a uma suposta racionalidade pura, sem levar em conta as emoções, os sentimentos e o contexto sociocultural.

Quando identifica uma base emotiva natural para os sentimentos e juízos morais, o naturalismo inerente a abordagens analíticas e hermenêuticas da filosofia da mente não poderia destarte excluir nenhum nível axiológico ou normativo de autocompreensão. Tal abordagem naturalista ainda prescindiria, neste caso, de uma justificativa para a sobreposição valorativa da normatividade com relação a estados de coisas encontrados ou até mesmo socialmente construídos da realidade. A persistência de uma crítica ao naturalismo consiste precisamente em reconhecer que mesmo que admitamos a “sobreveniência” (*supervenience*) de valores morais com relação a fatos, eventos ou propriedades naturais, físicas ou biológicas, ainda assim não seria possível reduzir propriedades morais a tais estados de coisas. Segundo a concepção integrada de emoções e valores normativos em Damásio, um naturalismo mitigado equivale a reconhecer que, embora sejam socialmente construídos, valores morais, práticas, dispositivos e instituições como família, dinheiro, sociedade e governo, não podem ser reduzidos a propriedades físicas ou naturais, mas também, por outro lado, prescindem das mesmas na própria constituição de seus elementos intersubjetivos de autocompreensão – daí o adjetivo “mitigado” (*weak*) para diferenciá-lo de um naturalismo reducionista (fiscalismo) e de um construcionismo subjetivista, relativista ou pós-moderno. Assim como Damásio o mostrou,

uma teoria emocionalista-sentimentalista da moral logra articular razão, emoção e processos de tomada de decisão em termos empírico-filosóficos, na medida em que sentimentos cognitivos prescindem de um nível reflexivo, que nem sempre se encontra nas emoções, particularmente, nas “emoções primárias” (DAMÁSIO, 1999).

Segundo Damásio, o sentimento emocional é a percepção, no neocórtex, das respostas corporais aos estímulos imediatos, através dos centros cerebrais inferiores. As emoções têm função social e papel decisivo no processo de interação e integração sociais. As emoções são adaptações singulares que integram o mecanismo com o qual os organismos regulam sua sobrevivência orgânica e social. Damásio faz uma distinção entre sentimento (experiência mental da emoção) e emoção (conjunto de reações orgânicas), de forma a estabelecer os fundamentos biológicos que ligam sentimento e consciência. Em um nível básico, as emoções são parte da regulação homeostática e constituem-se como um poderoso mecanismo de aprendizagem. Ao longo do desenvolvimento, “as emoções acabam por ajudar a ligar a regulação homeostática e os ‘valores’ de sobrevivência a muitos eventos e objetos de nossa experiência autobiográfica” (DAMÁSIO, 2000, p. 80). As emoções fornecem aos indivíduos comportamentos voltados para a sobrevivência e são inseparáveis de nossas ideias e sentimentos relacionados com a recompensa ou punição, prazer ou dor, aproximação ou afastamento, vantagem ou desvantagem pessoal etc. na medida em que a base neural desses eventos nos permite distinguir três etapas de processamento que fazem parte de um contínuo: “Um estado de emoção, que pode ser desencadeado e executado inconscientemente; um estado de sentimento, que pode ser representado inconscientemente, e um estado de sentimento tornado consciente, isto é, que é conhecido pelo organismo que está tendo emoção e sentimento” (DAMÁSIO, 2000, p. 57).

A emoção desencadeada por determinado estímulo dá origem a “um programa de ações”, diferentes conforme o tipo de emoção, que provocam alterações no rosto, no corpo ou no sistema endócrino (estratégias ativas). O corar de um rosto, a tensão muscular, o aumento do ritmo cardíaco, ou o aumento da secreção de determinado hormônio são exemplos dessas alterações fisiológicas. Damásio destaca o valor adaptativo das emoções e de sua função na interação social, e propõe uma classificação em termos de três tipos de emoções: de fundo (emoções mais vagas, como o entusiasmo e o desencorajamento)

primárias (mais pontuais, como a tristeza, o medo, a raiva ou a alegria) e sociais (resultantes de um contexto sociocultural, como a empatia, a compaixão, a vergonha ou o orgulho). As emoções básicas (alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa, repugnância) são consideradas universais pelo reconhecimento através da expressão facial e são geradas por situações extremas, sendo o seu contágio entre os membros de um grupo social um potencial catalizador de comportamentos coletivos, como atestam os protestos e as manifestações que sacudiram todo o Brasil recentemente. Num de seus mais fascinantes e polêmicos livros, Damásio evoca o exemplo instigante de Espinosa que, numa época de grande intolerância e obscurantismo no século XVII, ousou defender a liberdade da mente humana, integrada aos seus contextos naturais e sociais, de forma a suplantar, numa democracia, “o lado escuro das emoções sociais que se exprimem no tribalismo, racismo, tirania e fanatismo religioso” (DAMÁSIO, 2003, p. 289).

Prinz retoma a teoria damasiana das emoções e dos sentimentos para reformular a articulação naturalista de inspiração humeana entre conceitos e intuições, processos mentais e correlatos neurais, processos decisórios e efeitos da força de hábito. Com efeito, como insinuara Damásio a propósito dos experimentos de Libet, a maioria das decisões importantes para a nossa vida não são feitas da mesma forma que decidimos mover um dedo, de forma a antever a sequência tríplice postulada por Pereira Jr. entre sistemas progressivamente cada vez mais complexos, a emergência da informação através da transmissão de formas entre sistemas, e finalmente a afeição da estrutura material de um sistema pela informação, resultando na ocorrência de sentimentos. Como se passa em processos deliberativos (por exemplo, para as decisões mais importantes por longos períodos de tempo), tais decisões não poderiam ser reduzidas ao instante de sua ocorrência no momento da execução da ação, mesmo que as emoções possam ser induzidas de uma forma não consciente, aparecendo como aparentemente desmotivadas. Tanto Damásio quanto Prinz identificam a consciência com estados mentais dotados de subjetividade, reflexividade e atencionalidade, mesmo que estes sejam apenas latentes ou potenciais. A consciência encerra um conhecimento da existência de quem experiencia um estado emotivo e seu próprio ambiente, podendo fazê-lo através de sentimentos, que podem ser narrados, relatados ou experienciados na primeira pessoa (o famoso *feeling* do *what-is-it-likeness*). Segundo Prinz (2004, p. 240):

As emoções podem até mesmo entrar na consciência antes de nós conscientemente acessar os sinais sutis que as desencadearam. É por isso que descrevemos as emoções como reações viscerais (*gut reactions*). Elas são como detectores de radar corporais que nos alertam para preocupações ou reações que devemos ter. Quando ouvimos as nossas emoções, não estamos sendo seduzidos por sentimentos sem sentido. Tampouco estamos ouvindo os frios ditames de juízos complexos. Nós estamos usando nossos corpos para perceber a nossa posição no mundo.

A original reformulação prinziana dos problemas humeanos sobre a natureza humana (em sua releitura crítica da trilogia do filósofo escocês em torno do entendimento, paixões e moral) desemboca numa teoria híbrida da consciência, que em vários particulares nos lembra o Monismo de Triplo Aspecto, notadamente os três níveis de representação mental confluindo na própria emergência da consciência. De acordo com a teoria AIR (*Attended Intermediate-level Representation*) da consciência de Jesse Prinz, algumas revisões e reformulações de concepções e questões tradicionais em estudos sobre a consciência devem ser concatenadas de forma interdisciplinar para dar conta de uma teoria que se beneficia dos mais recentes experimentos, resultados empíricos e dados extraídos de estudos neurocientíficos com animais e seres humanos. De acordo com a teoria AIR, há uma variedade de microeventos concordantes para a aplicação no cérebro das funções cognitivas particulares ou determinados tipos de representação. A sua hipótese central consiste em constatar que a consciência atende, tenciona e está atenta a certos tipos de representações mentais, justamente as chamadas representações de nível intermediário (*Attended Intermediate-level Representations*), seguindo uma terminologia e reconstrução sugerida por Jackendoff. A hipótese de trabalho limita-se a reconstruir e desenvolver tais representações de nível intermediário e o mecanismo pelo qual nós terminamos por atentar para elas, tencionando-as, enfocando-as. Embora este relato se dê tanto num nível cognitivo quanto neuronal de descrição, podemos nos limitar a representações de nível intermediário como um dos três tipos de representação dos sistemas sensoriais, organizados em uma hierarquia de processamento (PRINZ, 2012, p. 1109). Assim, focando na visão, Prinz (2012, p. 1132) sugere que o nível baixo é análogo a uma matriz de pixel. No nível baixo, os objetos não são representados, mas apenas as características desses objetos o são. Aqui temos representações de coisas como bordas e blobs de luminância. Representações de alto

nível também representam objetos, mas de uma forma independente de ponto de vista. É a representação de nível intermediário que, de acordo com a hipótese AIR, seria a representação consciente. Embora nem todas as representações de nível intermediário sejam conscientes, é através delas que alguém pode se tornar consciente (PRINZ, 2012, p. 1145).

Com efeito, em seu primeiro livro, *Furnishing the Mind*, Prinz (2002, p. 149) argumenta que:

[...] conceitos são tipos de procuradores (*proxytypes*), i.e. tipos (*types*, em oposição a *tokens*) autorizados para agir no lugar de outros, ou construções perceptualmente derivadas e altamente variáveis na memória ativa, derivadas de redes de memória de longo-prazo que servem como detectores de instâncias de categorias.

O papel e a função de conceitos que, por procuração (*proxy*), dão conta de complexos processos de percepção e cognição não incorrem em nativismo ou inatismo (ao contrário do que afirmam autores como Chomsky, Fodor e Pinker). Assim como Hume o afirmou no primeiro livro de seu *Treatise of Human Nature* (“On Understanding”), Prinz se propõe a revisitar a conjectura sobre a origem de nossas ideias como cópias de impressões, através de um “empirismo de conceito” (*concept empiricism*), cuja tese central consiste em afirmar precisamente que “todos os conceitos são cópias ou combinações de cópias de representações perceptuais”³ (PRINZ, 2002, p. 108).

Num outro registro, Prinz parte de uma teoria empirista das emoções –também inspirada no *Treatise* de Hume— para reconstruir o que seria uma teoria sentimentalista da moral: “A psicologia moral acarreta em fatos acerca da ontologia moral, e uma psicologia sentimental pode implicar uma ontologia subjetivista” (PRINZ, 2004, p. 8). Assim como Damásio e Pereira Jr., Prinz rejeita versões metafísicas, reducionistas e metodológicas do naturalismo forte (ou fisicalismo) para reabilitar um naturalismo de transformação (*transformation naturalism*, i.e. “a view about how we change our views”) que pode ser sistematicamente revisado à luz de descobertas científicas e de resultados das ciências empíricas do comportamento, segundo um holismo quineano.

³ [...] all (human) concepts are copies or combinations of copies of perceptual representations.

Ora, se quisermos explorar dois problemas que unem a concepção moderna de liberdade (e seus correlatos iluministas de autonomia, emancipação e progresso moral) a formulações empíricas, analíticas e continentais das ciências sociais e do naturalismo de forma a evitar o dualismo de substâncias, propriedades e eventos), devemos investigar a articulação entre normatividade epistêmico-teórica e prático-moral e o problema do monismo em filosofia da mente, na medida em que somente assim não incorreríamos na identificação simplista entre uma normatividade mental contraposta a descrições naturalistas de processos cerebrais. Prinz logra revisitar concepções clássicas, modernas e contemporâneas de filosofia moral, para propor um construcionismo moral emotivista no terceiro volume de sua trilogia (*The Emotional Construction of Morals*. Oxford University Press, 2004). Nesse sentido, o utilitarismo e o emotivismo podem ser chamados de teorias emocionistas fracas, porque elas implicam uma tese emocionista e não a outra. Uma teoria emocionista forte implicaria ambas. A teoria da sensibilidade é o exemplo mais saliente. Segundo Prinz, podemos formular duas teses diretrizes:

(S1) Tese Metafísica: Uma ação tem a propriedade de ser moralmente certa (errada) apenas no caso que provoca sentimentos de aprovação (desaprovação) em observadores normais sob certas condições.

(S2) Tese Epistêmica: A disposição para sentir as emoções mencionadas no S1 é uma condição de posse sobre o conceito normal de CERTO (ERRADO).

Trata-se, portanto, de construir uma teoria moral que preserva o princípio humeano de que não podemos derivar o que deve ser (*ought*) do que é (*is*) endossando um *naturalismo moral*. Podemos usar premissas descritivas para derivar fatos prescritivos (como sugeri, de forma provocativa, John Searle). Fatos prescritivos relacionados a conceitos como “bem e mal”, “moralmente certo e errado”, devem necessariamente envolver sentimentos e são essencialmente subjetivos. A análise de nossos conceitos morais está fortemente conectada a nossas respostas subjetivas. A psicologia moral acarreta fatos sobre a ontologia moral. A moralidade depende de nossos sentimentos e varia no tempo e no espaço, ou seja, varia histórica e culturalmente. Segundo o emocionismo forte de Prinz, as emoções são a base da moralidade, pois os sentimentos criam os sistemas morais.

Destarte, seria possível reexaminar problemas de normatividade e naturalismo na interface entre abordagens metaéticas e de filosofia da mente de forma a tornar relevante para uma releitura teórico-crítica da filosofia social (esp. em autores como Habermas e Honneth) abordagens da filosofia analítica, particularmente em epistemologia social e neurociências. Para tanto, podemos servir-nos da instigante contribuição de Prinz sobre o inatismo e a origem biológica das emoções e dos sentimentos morais. A nossa hipótese de trabalho é que o intuicionismo ético, assim como o realismo moral e o quaisquer versões de absolutismo ético, se mostram hoje insustentáveis quando abandonamos uma abordagem meramente metaética e procuramos dar conta de todas as variáveis exigidas para uma reformulação satisfatória do problema da normatividade ético-moral, em particular na sua concepção de natureza humana e do problema do livre arbítrio ou da liberdade (compatibilismo versus determinismo). Somos obrigados a abandonar uma abordagem meramente metaética ou qualquer forma de solipsismo metodológico se quisermos levar o problema ético-normativo a sério e evitarmos formas sutis de autismo acadêmico ou de patologias sociais. De resto, a liberdade pode ser entendida não apenas como uma ideia (no sentido kantiano ou hegeliano do termo) mas como uma experiência histórica social complexa, cuja negatividade e reflexividade teriam sido decerto exploradas por filósofos modernos e contemporâneos (de Hobbes a Habermas), mas cuja normatividade jurídico-política deve ser reconstruída a partir da gramática moral de nossas lutas pelo reconhecimento (Honneth). Prinz chega, assim, a enunciar as três metas programáticas de sua pesquisa interdisciplinar em ciências cognitivas e neurofilosofia, viabilizando um construcionismo social mitigado que evita tanto o normativismo ético-moral quanto o naturalismo reducionista:

A primeira meta é fornecer um suporte empírico para uma teoria que foi inicialmente desenvolvida a partir de uma poltrona. O segundo objetivo é adicionar alguns detalhes para a teoria de Hume, incluindo um relato dos sentimentos que sustentam nossos juízos morais, e uma conta da ontologia que resulta de levar uma visão sentimentalista a sério. O meu terceiro objetivo é mostrar que esta abordagem conduz ao relativismo moral. Hume resistiu ao relativismo, e eu argumento que ele não deveria. Eu também investigo a origem dos nossos sentimentos morais, e sugiro que a abordagem genealógica de Nietzsche à moral tem muito a contribuir aqui. A história resultante é metade humeana e metade nietzschiana, mas eu faço a parte nietzschiana se encaixar naturalmente na parte de Hume. (PRINZ, 2004, p. 2)

Assim, o Monismo de Triplo Aspecto permite uma articulação profícua entre uma tese naturalista de realismo científico e uma tese neurofenomenológica sobre a irreduzibilidade de instâncias da primeira pessoa, dada a co-constituição de mundo e subjetividade em processos cognitivos reflexivos. Como em John Searle, o problema mente-cérebro teria destarte uma solução simples, compreendendo um naturalismo consistente com uma concepção do senso comum sobre os estados mentais, na medida em que tais estados são características do cérebro causados por processos neurofisiológicos, mas cuja experiência de primeira pessoa e seu caráter qualitativo-fenomenal na consciência não poderiam ser redutíveis a algoritmos, assim como a própria semântica seria irreduzível a uma sintaxe. Assim como o problema da ontologia poderia ser articulado em termos naturalistas, por exemplo, de um fisicalismo mitigado, não-reducionista, evitando teses behavioristas e intelectualistas, o problema da consciência poderia nos remeter aos sentimentos e processos de se tornarem conscientes quando seus conteúdos disposicionais – que, segundo Damásio, são *sempre* inconscientes e existem de forma dormente – são apropriados pela narrativa, rememoração ou simples pensamento de quem pode “falar” na primeira pessoa (DAMÁSIO, 2002, p. 401). Interessantemente, o ponto de desacordo entre Pereira Jr. e Damásio consiste precisamente na distinção entre sentimento e emoção, sendo que o segundo favorece uma leitura mecanicista de fenômenos de retroativação com sincronização temporal [*time-locked retroactivation*] para captar um mecanismo capaz de dar coerência no espaço e no tempo às atividades necessariamente fragmentadas de nosso cérebro, permitindo falar de sentimentos inconscientes como formas possíveis de representações mentais. Com efeito, Damásio reconheceu os limites da sua terminologia, tanto no que diz respeito às imagens e representações como na própria concepção de um mapeamento cerebral, que não apenas reflete o ambiente que o circunda mas “constrói mapas desse ambiente usando seus próprios parâmetros e sua própria estrutura interna” (DAMÁSIO, 2002, p. 403). O que caracteriza a experiência fenomenal ou dos *qualia* é que seja própria de um único mapeamento criativo de tais fenômenos, de quem os experiencia e está consciente de tais e tais sentimentos e emoções. Segundo Damásio (2002, p. 398):

[a] aparência da emoção pode ser simulada, mas o modo como os sentimentos são sentidos não pode ser copiado em uma peça de silício. Os

sentimentos não podem ser reproduzidos em silício, a menos que a carne e as ações do cérebro sobre ela sejam copiadas, a menos que se copie a percepção que o cérebro tem da carne depois de ter agido sobre ela.

Assim como Pereira Jr., Damásio adota uma leitura fenomenológica ao insistir sobre a instância irreduzível de primeira pessoa de quem percebe, experiencia ou sente algo. É simplesmente impossível ter a mesma experiência de consciência de outra pessoa. Em última análise, o diferencial da consciência provém da “ligação eficaz que ela estabelece entre o mecanismo biológico de regulação da vida do indivíduo e o mecanismo biológico do pensamento” (DAMÁSIO, 2002, 385). Assim como Prinz, Pereira Jr. evita o mecanicismo damasiano e procura explicitar em que consiste a linha divisória entre sentimentos e emoções, apontando para a emergência da consciência em correlatos neurais das experiências perceptuais e de primeira pessoa, que são precedidas de processos cognitivos inconscientes. Tais processos informacionais contendo mapeamentos, representações e signos, assim como “suas dimensões sintática e semântica formal, podem ocorrer de modo inteiramente inconsciente, como na operação de um computador digital” (p. 3). A visualização concêntrica dos três aspectos em pauta favorece, ademais, a leitura espinosista adotada por Damásio e vários neurocientistas em busca de alternativas naturalistas ao dualismo de substância e suas variações funcionalistas. A “virada sentimental” proposta por Pereira Jr. parece muito próxima da concepção prinziana de revisitar pelo relativismo cultural concepções tradicionais da ética (teleológicas, utilitaristas e deontológicas) de forma a revisitar nossos hábitos sentimentais e os fatores culturais que constituem a nossa identidade pessoal.

Referências

- DAMÁSIO, A. *O Mistério da Consciência: Do corpo e das emoções do conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Original em inglês: *The feeling of what happens: Body and emotion in the making of consciousness*. New York: Harcourt Brace, 1999).
- _____. *Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurobiologia do Sentir* Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003. (Original em inglês: *Looking for Spinoza: Joy, sorrow and the feeling brain*. New York: Harcourt Brace, 2003).
- _____. *O Erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano*. 2a. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Original em inglês: *Descartes' Error: Emotion, reason, and the human brain*. New York: Putnam, 1994).

_____. *E o cérebro criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Original em inglês: *Self Comes to Mind: Constructing the Conscious Brain*. New York: Pantheon, 2010).

PEREIRA JR., A. O Conceito de Sentimento no Monismo de Triplo Aspecto. *Kínesis*, Edição Especial – Debate”, v. 7, n. 15, p. 1-24, 2015.

PRINZ, J. *Furnishing the Mind: Concepts and Their Perceptual Basis*. MIT Press, 2002.

_____. *Gut Reactions: A Perceptual Theory of Emotion*. Oxford University Press, 2004A.

_____. *The Emotional Construction of Morals*. Oxford University Press, 2004b.

_____. *The Conscious Brain: How Attention Engenders Experience*. Oxford University Press, 2012.[Kindle edition]